

Um pé em cada canoa

Diana Tubenchlak

Todos os dias grandes ônibus estacionam nas proximidades dos museus da cidade, filas de estudantes se formam, acompanhados por professores, coordenadores pedagógicos e diretores. Nos museus são recebidos por seguranças, recepcionistas, estagiários, educadores ou mediadores que ali trabalham. Todos os dias estas ações fazem com que escolas e museus se encontrem. Entretanto, o que a escola conhece sobre o museu e o que o museu conhece sobre a escola?

As respostas para esta pergunta podem ser infinitas, afinal cada indivíduo que participa de uma visita, sendo ele da comunidade escolar ou representante do museu, pode se interessar mais ou menos em conhecer o seu interlocutor. Pode virar um visitante assíduo ou nunca mais voltar, pode querer saber mais sobre os anseios e ideias trazidas pelos estudantes ou centrar-se nas questões específicas das mostras em cartaz ou acervos a serem visitados.

Neste cenário pode haver um personagem que atua como elo entre este universo cultural e a sala de aula. É o professor que procura alinhar o que acontece dentro dos muros da escola com ações oferecidas por instituições culturais.

Estes professores relacionam a vida cultural com a vida escolar desde que faça sentido para si frequentar os espaços museológicos. Como uma costura entre o seu cotidiano profissional e pessoal.

Museu e escola: um pouco dessa história

No Brasil, por volta da década de 1930, começa a ficar explícito os enlaces entre museus e escolas. Venâncio Filho é um entusiasta do papel educativo dos museus, após conhecer algumas iniciativas européias nesta área.

As pesquisas deste educador são voltadas aos museus de ciências, como se a parceria com a escola pudesse trazer a junção entre *teoria e prática*. Na escola se aprenderia a teoria a ser conhecida na prática no museu.

Educador ativo na estruturação do ensino brasileiro, Venâncio realiza em 1939, na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro, a palestra intitulada “A Função Educadora dos Museus”. Defende os espaços museológicos como grandes escolas populares, reforça as ideias de seu mestre Roquete Pinto - médico, antropólogo, educador e precursor da radiodifusão brasileira, a serviço da cultura e da educação.

É importante ressaltar que Venâncio faz parte do grupo de educadores que estimula ampliar as práticas educativas para além dos muros da escola. Da mesma forma que aposta na potência educacional dos museus, Roquete Pinto, aposta no potencial do rádio para esta finalidade.

Já nos museus de arte, temos o artigo de Regina M. Real, então colaboradora do Museu Nacional de Belas-Artes, do Rio de Janeiro, intitulado “Os museus de arte na educação”, publicado em 1944 na Revista brasileira de estudos pedagógicos. Nele a autora ressalta a importância do conhecimento artístico na educação e observa que ainda há muito a ser desenvolvido nesta área.

Neste período, mais uma vez, a valorização dos moldes estrangeiros aparece, quando a autora afirma: *“Imitemos os europeus e os norte-americanos, quando levam a criança a ter interesse pela arte, primeiro como distração, visitando museus, executando desenhos espontâneos; depois, dirigindo-a na observação e seleção de obras-primas.”* (REAL, 1944).

A presença dos professores nos museus

Nos nossos dias, museus, institutos e centros culturais da cidade de São Paulo oferecem programações específicas para professores e educadores. São ações diversas que podem configurar-se como um programa de caráter continuado ou ações isoladas que, por exemplo, acompanham exposições temporárias.

São oferecidas oficinas, palestras, visitas às mostras e cursos, que em sua maioria disseminam os conteúdos desenvolvidos, a partir de cada tipologia de museu.

Os professores são vistos como multiplicadores, já que podem disseminar o apreendido e vivido nestas ocasiões em suas salas de aula. Há também ações mais focadas em preparar o professor para acompanhar seus estudantes em visitas e continuar desenvolvendo temas afins no período após a visita, junto aos conteúdos escolares.

É fundamental discutir o que diferenciam tais formações para professores de outras programações para o público adulto. Ou o que há de específico nestes encontros que interessa apenas aos professores.

Esta questão implica no cuidado que os museus devem ter no planejamento. Pois se por um lado limitar a participação de professores em uma programação deve abarcar uma justificativa para além de seu papel de “multiplicador de públicos”, por outro poderia haver o risco de incorrer em uma prática escolarizada dentro do espaço museológico. Tornando o museu uma espécie de “escola para professores”, o que poderia ser uma ingerência sobre a prática docente.

Desta forma, é imprescindível que a relação proposta entre os educadores das duas instituições – museu e escola – seja calcada na coparticipação. Colocando em primeiro plano os saberes específicos de cada uma delas, com ênfase na troca e na escuta.

O museu como espaço de interação

Aproximando as questões apresentadas ao vocabulário empregado por António Nóvoa, podemos considerar estas programações específicas como “*espaços de interação*”. O autor pontua a importância da existência destes espaços, que muito mais que físicos, são espaços subjetivos de troca e cooperação. Que tangenciam a porção pessoal e profissional dando sentido as histórias de vida dos professores (NÓVOA, 1995).

Os museus são espaços produtores e disseminadores de conhecimento, estes frequentadores os vêem como local de pesquisa e laboratório, atentos a importância da formação continuada em suas vidas. Paulo Freire coloca a perspectiva da pesquisa na vida do professor da seguinte forma:

No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador.
(FREIRE, 1996)

Assim, como o caráter pesquisador apresenta-se indissociável da vida docente, outros itens devem ser considerados no convívio destes com os espaços apresentados: a troca entre seus pares fora do ambiente escolar; a proximidade com objetos e manifestações artísticas; um distanciamento salutar do cotidiano escolar que permita diversas análises e reformulações de suas práticas educativas.

Contudo, torna-se fundamental pesquisar dois aspectos para análise destas relações estabelecidas, a saber: os desdobramentos e reverberações nas escolas, a partir do vivido e experienciado pelos professores nos programas de formação oferecidos pelos museus. Além do que os motiva a frequentá-las.

Histórias de vida e formação

Estas questões estão sendo investigadas no processo de pesquisa de mestrado sobre formação de professores em museus, no Instituto de Artes da UNESP. Neste processo estão acontecendo entrevistas com professores que frequentam as programações oferecidas pelos museus, com ênfase na presença destes espaços em suas histórias de vida.

Conhecer estes professores e ouvir suas histórias de vida acerca da presença desta relação artístico-cultural e de como relacionam o que vivem nestas ocasiões com o cotidiano profissional nos trouxe uma mudança de paradigma acerca dos objetivos do que podemos chamar de formação continuada.

A ideia deste tipo de formação, que poderia simplesmente estar voltada ao ato de reciclar-se e atualizar-se, toma outra dimensão ao ouvirmos os relatos. As camadas subjetivas, inerentes às histórias de vida emergiram de forma surpreendente, revelando a potência do museu como espaço de interação, que se configura como espaço colaborativo e subjetivo.

A ênfase pela busca por atualização de conteúdos, muito presente no ideal de reciclagem profissional, dissolve-se dando espaço a potentes camadas de enlaces entre a vida pessoal e profissional destes indivíduos, que de forma consciente ou não costuram o que vivem, o que criam e o que sentem aos seus planos de aula e propostas de ensino.

Ouvimos nestes relatos a forte presença dos museus nas experiências da infância e adolescência, assim como a descoberta e/ou intensificação de visitas junto ao ingresso na universidade.

O início da docência, período marcado pelo novo e pela busca de informações também é trazida como um momento de grande participação nas atividades oferecidas pelas instituições culturais. Justificada pela necessidade de criar uma grande diversidade de práticas de ensino que possa colaborar com o cotidiano escolar.

Os professores que já percorreram um caminho médio ou longo na docência, contam com as programações oferecidas pelos museus para o que podemos chamar de atualização profissional. Vêem estes espaços como um lugar de inovação, um laboratório de práticas e conteúdos.

Referências bibliográficas

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e terra, 1996.

NÓVOA, António (org.). *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 1995.

REAL, Regina M. Os Museu de Arte na Educação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, [S.l.]: vol. II, n 6, p. 375-384, dez. 1944.

VENÂNCIO FILHO, Francisco. A função educadora dos museus. *Estudos Brasileiros*, n.6: 50-71, maio/jun. 1939. In.: *As ações educativas em museus e o ensino da arte em um percurso histórico brasileiro de 1816 a 1950*, Alice Bemvenuti.

Diana Tubenclak

Mestranda na linha de pesquisa *Processos artísticos, experiências educacionais e mediação cultural* no Instituto de Artes da UNESP; especialista em *Linguagens artísticas contemporâneas: ensino/aprendizagem* pela Faculdade Santa Marcelina e licenciada em *Educação Artística* pela UERJ. Seu foco de atuação é em mediação em arte contemporânea, formação de docentes e elaboração de propostas artísticas. É consultora de arte-educação e professora de artes visuais. Faz parte do GPIHMAE (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Imagem, História e Memória, Mediação, Arte e Educação) do IA-UNESP.